



Eixo IX
2010/2

Polo de Alvorada

Jaqueline Abrantes Ferreira

Planejamento e gerenciamento de atividades, que envolvem o uso das mídias e tecnologias, em espaços escolares.

Alvorada

2010

Jaqueline Abrantes Ferreira

Planejamento e gerenciamento de atividades, que envolvem o uso das mídias e tecnologias, em espaços escolares.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

PROFESSORA ORIENTADORA

Iris Elisabeth Tempel Costa

PROFESSORA CO-ORIENTADORA

Prof. Dra. Rosane Aragón de Nevado.

TUTORA

Simone Ramminger

Alvorada

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na
modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e

Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho a meu esposo Paulo,
meu filho Victor e à minha mãe Selma
pela dedicação e o incentivo que me
impulsionou à conclusão deste curso.
Meus agradecimentos por aceitarem se
privar da minha companhia em prol de
meus estudos concedendo a mim a
oportunidade de me realizar ainda mais e
por suas atitudes que me levam a
aprender a amar incondicionalmente.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ELE e sem a fé que tenho NELE nada seria possível.

Considerando este trabalho como resultado de uma longa jornada, agradecer pode não ser uma tarefa fácil, nem justa. Não querendo correr o risco de cometer injustiça, agradeço antecipadamente a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Ao meu marido Paulo, meu filho Victor e minha mãe Selma que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Aos colegas e amigos, em especial para: Dra. Maria Helena Momo e Julia, Tatiana L. Ferreira e Rosaura Karst, Tatiane e Marta Bueno pelo convívio, amizade, compreensão, incentivo e apoio constantes.

Meus sinceros agradecimentos a algumas pessoas pela contribuição direta na construção deste trabalho:

À professora orientadora Iris Elisabeth Tempel Costa e tutora Simone Ramminger pelo carinho, paciência e incentivo na orientação que tornaram possível a conclusão deste trabalho de conclusão de curso.

A todos os professores e tutores do PEAD / UFRGS, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

O objetivo desse trabalho de conclusão de curso é relatar e analisar a prática desenvolvida ao longo do estágio curricular obrigatório, no ambiente informatizado (AI) de uma escola municipal de ensino fundamental. Apresento uma reflexão sobre as dificuldades encontradas no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação e as estratégias experimentadas para motivar os alunos e colegas de trabalho a desenvolverem um novo olhar sobre este ambiente. Na prática realizada houve uma busca de possibilidades e estratégias criativas diante das dificuldades encontradas. Nesta trajetória utilizamos ferramentas da Internet e recursos variados do computador para promover a alfabetização digital dos alunos de todas as turmas, do turno da manhã. Os alunos se apropriaram dos recursos à medida que desenvolviam um projeto ligado à construção de suas identidades, interagindo com os meios tecnológicos e, ao mesmo tempo, com o meio social e familiar, em busca de informações sobre suas ancestralidades. Buscamos assim ajudá-los a se perceberem como parte da história e continuadores dela. A cada momento em que se percebeu falta de motivação ou a estagnação dos trabalhos foram propostos novos desafios, através de planos e estratégias emergenciais, buscando-se flexibilizar e adequar o planejamento previamente feito, às situações que se apresentavam. A realidade sobre a inclusão digital nos espaços escolares e o uso das mídias nos planejamentos dos professores também trouxeram preocupações, forçando-me a procurar respostas e caminhos para favorecer as mudanças necessárias na prática pedagógica, que ocorrem ainda de forma lenta e gradual. A parte técnica e a organização do ambiente informatizado é bem estruturada, porém ainda necessita ser melhor compreendido o tipo de trabalho e as competências que ali podem ser desenvolvidas. A gestão democrática demonstra ser um forte aliado para as mudanças no fazer pedagógico promovendo a formação e reflexão sobre a prática em busca de ações cooperativas, facilitando o comprometimento de todos na formação dos educandos. Embora encontrando discrepâncias entre a estrutura educacional planejada e a realidade percebida, durante a realização da minha prática, colhi informações que podem ajudar a aprimorar os trabalhos desenvolvidos no AI e buscar novos patamares. Visto que o uso das tecnologias da informação e comunicação vem ganhando maior relevância dentro do cenário social e também educacional, acredito ser possível e imprescindível um trabalho que envolva toda a comunidade escolar, dentro de uma percepção total da realidade, na busca de formações que abram possibilidades de um aprendizado criativo utilizando as diversas mídias e tecnologias existentes, envolvendo a teoria e a prática para aprendizagens mais significativas, que ajudem os alunos a desenvolver e reconstruir novas potencialidades. Somente as mídias não trazem solução para os problemas existentes na educação, mas é uma aliada muito forte no processo pedagógico do professor e no aprendizado do aluno devendo de alguma forma estar presente e disponível para todos. Este trabalho foi embasado teoricamente em Freire e Valente.

Palavras-chave: Tecnologia Educacional – Inclusão Digital - TICs

SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO.....</u>	8
1.1 QUEM SOU	8
1.2 A ESCOLA.....	9
1.3 AS TURMAS.....	10
1.4 AMBIENTE INFORMATIZADO.....	11
1.5 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	12
<u>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</u>	13
2.1 EXPANSÃO E INCLUSÃO DIGITAL.....	13
2.2 COLABORAÇÃO, COOPERAÇÃO E AUTONOMIA NA ESCOLA.....	18
<u>3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA</u>	22
<u>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	34
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICES.....	40
ANEXOS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como base minha prática no estágio obrigatório realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada no Município de Alvorada-RS, no período de 12 de abril de 2010 a 26 de junho de 2010.

Constitui uma oportunidade de reflexão sobre a prática docente, a realidade escolar e o que foi vivenciado nas atividades pedagógicas com o uso das mídias e tecnologias. A prática realizada buscou alternativas criativas diante das dificuldades encontradas visando um contínuo aprendizado aliado à análise crítica e aos princípios éticos de construção da identidade individual e coletiva.

1.1 Quem sou

Fiz Magistério, concluído em 1986. Além disso, fiz Curso de Estudos Adicionais de Docentes Pluridisciplinares Para o Exercício na 5ª e 6ª Séries do Ensino de 1º Grau (Parecer do CEE nº665/91,850/91 e 750/92) e Portaria da SE nº. 01110/91, no período de 03 de abril de 1993 a 30 de setembro de 1995 na FAETA (Faculdade de Educação de Taquara).

Sou professora contratada desde 1986, passando a estatutária em 1992 na rede municipal de ensino do Município de Alvorada.

Além da docência desenvolvi outras atividades na escola como vice-diretora, coordenadora, secretária, bibliotecária. Tenho mais experiência em trabalhos desenvolvidos com 3ª e 4ª série. Atualmente, me encontro em Limitação de Função e trabalho no Ambiente Informatizado por 20h semanais,

no turno da manhã, atendendo a todas as turmas do Currículo por Atividade (CAT) que resulta num total de 352 alunos.

1.2 A escola

A escola na qual desenvolvi meu estágio desempenha um papel de extrema importância dentro da comunidade escolar em que está inserida, sendo o ponto de referência das pessoas que ali vivem.

Caracteriza-se como uma escola grande que funciona em três turnos. Atualmente, este estabelecimento de ensino possui 11 salas de aula, uma biblioteca com acervo de aproximadamente cinco mil exemplares, sala de vídeo, um espaço destinado à implantação de um laboratório de ciências, sala do Ambiente Informatizado (AI), Laboratório de Aprendizagem, banheiros masculinos e femininos, banheiro para deficientes físicos, cozinha, refeitório, secretaria, sala da equipe diretiva, sala de jogos e sala de professores.

Todas as salas da escola têm mobiliário adequado para trabalhar em grupo e são de fácil acesso. A biblioteca, o Laboratório de Aprendizagem e o Ambiente Informatizado são amplos, bem ventilados, iluminados e foram reformados recentemente.

A escola conta com um diretor, três vice-diretores (um em cada turno), duas orientadoras (manhã e tarde), duas bibliotecárias, dois vigias (um diurno e outro noturno). Conta também com duas professoras substitutas, duas bibliotecárias, duas professoras coordenadoras do Ambiente Informatizado (AI), cinco serventes merendeiras e duas secretárias.

O corpo docente é formado por 49 profissionais da educação, sendo a maioria do sexo feminino. Quatro professores possuem apenas licenciatura em magistério, 29 são graduados e 12 estão em curso de graduação, sendo 4 estagiárias do PEAD. Do total de 29 professores graduados, oito têm pós-graduação.

A escola atende a 904 alunos e funciona em três turnos: pela manhã, desenvolve o currículo por atividades (CAT) com 302 alunos, à tarde atende 311 alunos no CAT e na área por disciplina de estudos. À noite é desenvolvido

o projeto Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA) que iniciou neste estabelecimento de ensino no ano de 1999. Este projeto foi implantado em parceria com a SMED de Alvorada, através de deliberação do orçamento participativo, e atende, atualmente, 291 alunos.

Pela manhã e tarde a escola oferece o Programa Mais Educação e à noite o Pro - Jovem projeto desenvolvido pelo Governo Federal.

A proposta pedagógica do turno da manhã, período no qual trabalho, está em fase de mudanças, sendo desenvolvida a partir de um tema anual e de projetos trimestrais.

1.3 As Turmas

Realizei meu estágio no Ambiente Informatizado atendendo a todos os alunos do turno da manhã que conta com 11 turmas de 2º, 3º e 4º ano e 4ª série na faixa etária dos 6 aos 14 anos.

De acordo com as professoras titulares, em geral, as turmas são calmas e colaborativas. Nestas turmas existem dois alunos portadores de necessidades especiais (PNE): um com problemas de locomoção e limitações nos membros superiores e outra aluna com problemas de audição.

Nas 11 turmas atendidas durante o estágio tínhamos um total de 302 alunos, sendo maior o número de meninos (160) que de meninas (142). Entre este total encontramos um número significativo de repetentes (56) sendo que alguns freqüentam o Centro de Integração e Recursos (CIR) e o Laboratório de Aprendizagem da Escola podendo ser classificados como portadores de necessidades educacionais especiais.

Os pais não costumam participar ativamente da vida escolar de seus filhos, pois a maioria trabalha fora. Um pequeno grupo se faz presente em todas as programações. Algumas professoras relataram que em geral menos de 50% dos pais vem às reuniões ou busca o boletim. Geralmente esta responsabilidade é repassada para algum familiar ou vizinho. Uma das professoras conta que apesar dos pais não comparecerem na escola em dia de

reunião ou eventos, quando são chamados para resolverem um problema mais grave, comparecem.

1.4 Ambiente Informatizado

O Ambiente Informatizado (AI) da escola foi oficialmente inaugurado em novembro de 2009 com a chegada dos microcomputadores. Antes desse período, tínhamos somente a estrutura na qual temos, atualmente, 16 microcomputadores com mobiliário apropriado, um armário, data show, telão, quadro branco, caixa de som e aparelho de DVD, que são observados por um circuito fechado de vigilância 24h.

A conexão à internet é via banda larga por rádio e os microcomputadores têm duplo boot: Windows XP e Linux.

A escola forneceu um curso de informática para mim e para a professora que atende os outros dois turnos no início de 2009, pagos com recursos do governo, para que nos apropriássemos das novas ferramentas e construíssemos novos conhecimentos. A política de uso do AI varia de acordo com o turno e professor coordenador. Na parte da manhã responsabilizo-me por este local e por estar com limitação de função, adotei uma política de atendimento por horário e agendamento. Todas as turmas têm seu horário fixo de uma hora semanal podendo este horário ser trocado, ou novo ser agendado, desde que em comum acordo, nas duas horas que tenho para planejamento.

No final do ano passado (2009) favoreci a entrada dos alunos no AI para averiguar seus níveis de apropriação tecnológica, para tratar dos cuidados que deveriam ter com os microcomputadores, como ligar e desligar, que componentes fazem parte (HD, monitor, mouse,...) e para realizar algumas atividades de adaptação utilizando o Gcompris, que é um software educacional que oferece diferentes atividades para crianças de até 10 anos de idade.

Neste período, os professores traziam os alunos para o ambiente informatizado e permaneciam juntos, na sala. Observei que as reações dos professores foram as mais diversas, desde contrariedade até deslumbramento, e que os alunos sempre foram muito receptivos a esta nova idéia.-

Em 2010 esta situação mudou porque o AI foi incorporado como parte do programa de atendimento aos alunos, enquanto os professores titulares reúnem-se para realizarem seus planejamentos semanais. São quatro professores com atividades diferentes (arte e recreação, educação física, hora do conto e ambiente informatizado) que fazem o rodízio de uma hora diária com as turmas de mesma série/ano. Neste horário, os professores titulares estão liberados do compromisso de permanecerem com os alunos nas atividades do AI, mas devem planejar antecipadamente com o coordenador do ambiente a ação que este vai desenvolver e trazê-los até a sala.

1.5 Delimitação do Problema

Conforme já dito, o AI foi incluído no programa hora atividade atendendo os alunos enquanto seus professores, titulares de classes paralelas, reúnem-se para planejamento. Os professores responsáveis pelas atividades desenvolvidas em arte e recreação, educação física, hora do conto e no ambiente informatizado fazem um rodízio atendendo por uma hora diária as turmas de mesma série/ano.

Esta situação me levou a tentar compreender como as tecnologias digitais, nos espaços escolares, são entendidas pelos professores e alunos e que estratégias são necessárias para incluir o uso da tecnologia nos planejamentos e projetos escolares, ou seja, que ações são necessárias para integrar o uso das tecnologias nos planejamentos dos professores titulares e na grade programática dos alunos.

Integrar o uso das tecnologias digitais no espaço escolar demanda um trabalho cooperativo e colaborativo entre gestores, professores e alunos, a fim de harmonizar as dinâmicas tradicionais com as inovadoras. Exige, também, uma coordenação flexível, intuição, sensibilidade e domínio tecnológico e estes serão os aspectos analisados na prática descrita neste TCC.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Considerando o interesse em compreender melhor como a tecnologia digital deveria ser posta em prática na escola e que estratégias poderiam ser usadas para envolver a todos neste planejamento - que deve ser fruto de um ato coletivo envolvendo a troca de informações, cooperação e colaboração entre equipe diretiva, professores, coordenadores e demais membros da comunidade escolar- tornou-se necessário aprofundar meus conhecimentos para analisar as circunstâncias que envolvem este tema e o que foi observado no estágio docente obrigatório dentro do ambiente informatizado.

2.1 Expansão e inclusão digital

Segundo Baccega (2007) “o mundo, que sempre esteve em permanente mudança, hoje tem altamente multiplicada a rapidez dessas mudanças, devido ao avanço das tecnologias”.

Os governantes cientes desta realidade e do fato de que os computadores e a Internet são recursos cada vez mais usados no campo do trabalho, como meios de comunicação e como fontes importantes de informação, têm incentivado e favorecido o acesso da população ao uso das mídias e tecnologias através de diversos projetos e programas¹.

Segundo Assumpção e Mori (2006), apenas cerca de 10% da população brasileira possuía acesso à internet em 2006, sendo 90% dos usuários pertencentes às classes A e B.

¹ Fonte: <<http://www.inclusaodigital.gov.br/outros-programas>>

Esta situação vem mudando e em fevereiro de 2010², 33,7% da população brasileira passou a ter acesso à internet seja a partir de suas residências, do trabalho, das escolas, lan-houses, bibliotecas ou de telecentros.

Fica evidente que os usuários da internet aumentaram, em todo o mundo, o uso das mídias e tecnologias nos espaços escolares é crescente, porém esta realidade parece não repercutir na realidade dos sujeitos que estão diretamente ligados à docência, posto que muitos ainda evitam usar e até mesmo refletir sobre o papel das mídias na escola. Especialmente nas escolas públicas, que atendem as populações mais carentes, faz-se necessário repensar a prática pedagógica para incluir no processo de ensino-aprendizagem o uso adequado dos recursos disponibilizados pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), no sentido de favorecer o desenvolvimento de competências que propiciem aos educandos uma verdadeira inclusão digital.

Sabe-se que

(...) não basta ter conexões, aprender a navegar e buscar informações. É necessário assumir/entender nosso papel de educadores nesta sociedade em transformação, compreender as implicações das TIC em várias dimensões: na construção de significados, nas novas formas de expressão do conhecimento e da arte, na representação da realidade, nas relações e interações a distância. (COSTA, 2004, on-line).

Conforme ressaltava Valente (on-line), já em 1995, ter computadores nas escolas não significa automaticamente modernizar ou repensar a educação. Isto porque o computador, mesmo quando conectado à internet, pode ser usado simplesmente como um meio para passar informações aos alunos, mantendo a hierarquia da escola e sua tradição instrucionista. Por outro lado, os computadores podem ser usados como meios para auxiliar o processo de transformação da escola, favorecendo a criação de ambientes de aprendizagem que enfatizam a construção do conhecimento e não a instrução.

Para que a inclusão das tecnologias de fato aconteça nas práticas pedagógicas, Assumpção e Mori (2006) enfatizam ser fundamental oferecer atualização e formação aos professores. Estes autores ressaltam que quando

² Fonte: <<http://www.adnews.com.br/>>

os professores se apropriam destas tecnologias passam a ter menos preocupações em relação às suas habilidades nesta área e tornam-se mais abertos para a inclusão destes recursos nos planejamentos.

Além disso, a introdução da informática na educação não significa simplesmente ensinar técnicas de utilização de computador e seus recursos aos professores e alunos, significa integrá-la no processo de ensino e de aprendizagem,

(...) em atividades essenciais, tais como aprender a ler, escrever, compreender textos, entender gráficos, contar, desenvolver noções espaciais etc. E, nesse sentido, a Informática na escola passa a ser parte da resposta a questões ligadas à cidadania. (BORBA, 2001 apud LOPES s/d).

Resumindo, podemos dizer que o acesso à informática ou às mídias digitais é uma necessidade e um direito que deve ser estendido tanto aos professores, quanto aos alunos, especialmente nas escolas públicas. Todos devem ter a oportunidade de se alfabetizarem digitalmente, ou seja, aprenderem a usar de modo ativo e produtivo os recursos de comunicação que as mídias digitais oferecem.

Segundo Kenski (2003) a educação requer um novo pensar e fazer diante das exigências de uma sociedade informatizada. O amplo uso das mídias e tecnologias pede uma reorganização dos currículos, da gestão e das metodologias aplicadas na prática educacional.

O uso das mídias e tecnologias nos espaços escolares deve fazer parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e mesmo que este uso aconteça em momentos definidos ele deve ser articulado, preferencialmente, por um coordenador de laboratório que tenha não só o conhecimento técnico, mas também o pedagógico de modo a mobilizar professores em atividades e projetos, com o apoio da direção e com os recursos necessários.

A introdução das mídias digitais nos planejamentos escolares tem grande importância na atualidade como instrumento de aprendizagem, mas são necessárias mudanças nas estruturas curriculares e nas funções dos professores, revendo a maneira com que tem ocorrido essa inclusão.

Segundo Costa (s/d, on-line), “pensar na escola atual requer analisar o seu papel frente a estas mudanças e entendê-la inserida em um novo espaço-tempo social”.

O uso da Internet tem mudado a maneira como nos relacionamos pessoal e profissionalmente, pois facilita a comunicação, mas ainda é preciso refletir sobre o uso das mídias na escola reavaliando as dinâmicas que são utilizadas.

Mais do que incentivar nossos alunos a acessar e buscar material na Internet, precisamos, junto com eles, explorar a pluridirecionalidade destes meios, aprendendo a também produzir, veicular e fazer circular informações e significados construídos neste espaço de convivência (COSTA, s/d, on-line).

Ainda segundo esta autora (s/d) especialmente a escola pública, onde podemos encontrar um número maior de não incluídos digitalmente, tem a função de garantir a alfabetização digital e o desenvolvimento da fluência tecnológica de seus alunos.

Lopes (s/d) diz que apesar de toda a movimentação feita em prol da inclusão digital, para muitos professores este conceito ainda é muito vago.

Fróes, (apud Lopes s/d, on-line) diz que é preciso

mobilizar o corpo docente da escola a se preparar para o uso do Laboratório de Informática na sua prática diária de ensino-aprendizagem. Não se trata, portanto, de fazer do professor um especialista em Informática, mas de criar condições para que se aproprie, dentro do processo de construção de sua competência, da utilização gradativa dos referidos recursos informatizados: somente uma tal apropriação da utilização da tecnologia pelos educadores poderá gerar novas possibilidades de sua utilização educacional.

Ainda segundo Lopes (s/d), o professor muda quando percebe que com as mídias digitais pode fazer mais do que costuma fazer. A partir do momento em que começa a refletir sobre sua prática e a perceber o potencial da tecnologia, o professor tende a abrir-se às mudanças. “Ele vai da defesa para a descoberta. É o momento propício para o coordenador de Informática sugerir modificações na sua prática pedagógica” (LOPES, s/d, on-line).

Chiovatto (s/d), por sua vez, coloca que a resistência que os professores têm em mudar sua prática, abrindo espaço para questionamentos e para maior

participação dos alunos, por exemplo, evidencia a existência de duas questões entrelaçadas: de um lado a precária formação recebida que deixa os professores inseguros e de outro lado a idéia que tem de que seu papel é responder a todas as questões que os alunos colocam por serem transmissores de informações.

Ainda segundo esta autora (s/d, on-line), esta “falta de preparo, [...] tende a criar professores desmotivados, acomodados a uma prática convencional, autômata, na qual perdem o prazer de ensinar, tanto quanto os alunos perdem o de aprender”.

Assim, se queremos usar computadores em “ambientes de aprendizagem, que possibilitam a construção de conceitos e o desenvolvimento de habilidades necessárias para a sobrevivência na sociedade do conhecimento” (VALENTE s/d, on-line), precisamos pensar na formação de professores.

Os professores precisam ser capacitados para desenvolver competências e habilidades em si mesmos e nos alunos, estimulando a construção de novos conhecimentos, facilitando e não entregando as informações e, neste sentido, seu papel é o de articulador e provocador de novos desafios.

Para Valente (s/d, on-line), sem professores preparados para desafiar, desequilibrar os alunos, é muito difícil esperar que os computadores ou um software por si só criem situações que levem os alunos a atingir um maior nível da compreensão.

O ensino tradicional ou a informatização do ensino tradicional, segundo este mesmo autor (s/d), é baseado na transmissão de conhecimento. Tanto o professor como o computador são os detentores de conhecimentos sendo o aluno receptor dos mesmos. Esse tipo de proposta pode resultar na passividade e incapacidade crítica e transformadora do educando sobre o meio em que vive.

Certamente não são estes os cidadãos que queremos formar. A sociedade atual requer homens de visão, voltados para mudanças sociais que resolvam as situações que afligem a humanidade.

A responsabilidade ética, política e profissional do docente lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do docente. Formação que se funda na análise crítica de sua prática. (FREIRE: s/d, p. on-line).

2.2 Colaboração, cooperação e autonomia na escola

Freire (1998, p.96) nos diz que “a educação é um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas idéias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que professores e alunos se assumam epistemologicamente curiosos”.

Neste sentido, Torres (2004) diz que a internet é adequada a ações pedagógicas cooperativas e colaborativas podendo fazer parte do processo de trabalho e construção do conhecimento de todos os envolvidos no cotidiano escolar.

No entanto, para que se usem adequadamente as ferramentas midiáticas precisa-se romper com a metodologia tradicional de ensino, rejeitar a reprodução de aprendizagem passiva, treinar a curiosidade, refletir sobre a prática na busca de formações alternativas para o conhecimento das tecnologias da informação e comunicação, sejam elas a nível escolar ou acadêmico (VASCONCELOS, s/d, on-line).

Com a imensa gama de informações fornecidas pela Internet, o desafio à criticidade e ao trabalho colaborativo é iminente. O trabalho do professor coordenador dos espaços informatizados entra aqui como mediador e multiplicador, estimulando o compartilhamento e o processo coletivo de aprendizagem.

Continuando com Vasconcelos (s/d, on-line) fica claro que não basta ter na escola uma gestão democrática e um espaço equipado, é preciso promover

a colaboração e reflexão sobre a realidade, repensar a prática e construir um novo presente. A colaboração entre professores titulares e coordenadores de ambientes informatizados pode torna-se fundamental para a introdução das mídias e tecnologias nos espaços escolares, na medida em que o trabalho de ambos se complementa, não deixando a percepção de que um está fazendo o trabalho do outro.

É importante aprender a aprender colaborativamente, respeitando diferentes habilidades e contribuições. Segundo Almeida (2005) é preciso conhecer as variadas formas e representações da comunicação que estão disponíveis pela tecnologia no espaço escolar, permitindo novas dinâmicas, estabelecendo diálogo e desafios para a educação na atualidade. Este caminho a ser percorrido pode levar não somente ao ato de apropriação, mas também de uma nova visão crítica sobre a utilização das mídias de forma colaborativa, que possibilitaria análise dos interesses do grupo ou da comunidade escolar como um todo.

Freire (1999, p.29) fala do papel do professor e aluno na construção reconstrução dos saberes onde os mesmos são lado a lado os reais sujeitos desse processo. O uso das TICs no ambiente escolar através dos computadores e suas ferramentas podem trazer uma perspectiva inovadora na aquisição de conceitos construídos de forma cooperativa ou colaborativa na prática pedagógica.

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer (FREIRE s/d, on-line).

Ainda segundo o autor, o ensinar e aprender é um ato colaborativo visto que na troca de informações, o ensinado é reaprendido, por estar sendo ensinado, através da leitura que não se esgota, "de ler o mundo, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita" (FREIRE, on-line).

Segundo Cassol (s/d, on-line) se faz necessária uma discussão, dentro dos estabelecimentos educacionais públicos, que contemple ações de construção do conhecimento, participação social e cidadania. Pois, assim

[...] desenham a arquitetura de uma escola pública com autonomia e identificada com a comunidade, estabelecendo uma relação, não de

troca, mas de constituição mútua, de essencialização, ao promoverem uma cumplicidade recíproca que proporcione, no crescimento conjunto, iniciativas fundamentadas nas necessidades, interesses e desejos e viabilize a participação social (CASSOL s/d, on-line).

Continuando em Cassol (s/d, on-line), a construção da “identidade é necessária para que seja garantida a autonomia e que essa ação ocorra dentro de alguns princípios universais, mais gerais, que assegurem a divergência ou a naturalidade dialética”. Sendo assim a diversidade cultural e a identidade devem ser respeitadas, pois dão vida às visões de mundo.

Não é possível separar autonomia de identidade porque, ou se estará comprometendo a autonomia autêntica, não considerando a comunidade, o contexto, os sujeitos, que são os fins das ações autônomas, ou não se identificando o processo histórico cultural com o anseio, o desejo e a construção humanizadora do mundo (CASSOL s/d, on-line).

Segundo Taille (s/d, on-line), normalmente “os termos autonomia e identidade não costumam ser aproximados”. De acordo com o autor o conceito de identidade nos remete à idéia de afetividade, enquanto que o de autonomia nos direciona para o cognitivo e ainda “na perspectiva piagetiana, a pessoa moralmente autônoma é aquela que, nos seus juízos, baseia-se nos princípios da igualdade, da equidade, da reciprocidade e do respeito mútuo”.

O conceito de identidade segundo Taille (s/d) nos remete às características e personalidade que acompanham as pessoas, no entanto, “a educação moral não deve se ater ao desenvolvimento do juízo moral, mas também deve se preocupar com a construção da identidade dos alunos”.

Para introduzir a relação entre autonomia moral e identidade, precisamos acrescentar uma nova definição ao conceito de *autonomia*: a pessoa é moralmente autônoma se, apesar de mudanças de contexto e da presença de pressões sociais, ela permanece, na prática, fiel a seus valores e princípios de ação. Assim, a pessoa heterônoma será aquela que muda de comportamento moral em diferentes contextos. [...] várias pessoas agem de certo modo em determinados contextos, mas que, em outros, agem como se fossem outras pessoas, como se sua identidade tivesse mudado. Estamos, portanto, em plena relação entre autonomia e identidade (TAILLE, s/d, on-line).

Taille (s/d) diz que “a identidade de uma pessoa é um conjunto de representações que ela tem de si”. São as imagens a respeito do que se é que chamamos de *representações de si*. As diversas representações de si

compõem um sistema de valores, sendo alguns destes valores centrais (mais fortes) e outros periféricos (mais fracos).

Taille (s/d) diz também que a

[...] as representações de si enquanto sistema, no qual certos valores são centrais e outros periféricos, permite aquilatar a forma motivacional desses valores: os centrais têm maior força motivacional. [...], a pessoa para quem a beleza física é um valor central na sua identidade investirá maiores esforços na conservação ou no incremento dessa beleza do que investirá para ser corajosa ou justa, sendo esses dois últimos valores periféricos (e sentirá mais vergonha de não se ver como bonita do que de não se ver como corajosa ou justa).

Retomando as relações entre identidade e autonomia, podemos dizer que as pessoas que resistem às diferenças de contextos, resistem às pressões do grupo e são fieis a si mesmas são aquelas nas quais os valores morais ocupam um lugar privilegiado e consistente no seio das representações de si (TAILLE, s/d, on-line).

Formar um sujeito autônomo é possível quando a autoridade adulta é diminuída e se desenvolve o respeito mútuo entre adulto-criança, criança-criança, possibilitando a construção dos valores morais a partir de discussões e de ações que considerem a opinião e respeitem o grupo a que ele pertence (WERRI; RUIZ, s/d, on-line).

Segundo Martins (s/d, on-line), “a psicologia sócio-histórica traz em seu bojo a concepção de que todo homem se constitui como ser humano pelas relações que estabelece com os outros”.

Para encerrar este capítulo, trago o alerta de Taille (s/d, on-line):

Em termos pedagógicos [...] a educação moral não deve se ater ao desenvolvimento do juízo moral, mas também deve se preocupar com a construção da identidade dos alunos. Por exemplo, se o “clima de valores” no qual os alunos são imersos colocar em primeiro plano valores como riqueza, beleza, glória, fama, etc., será grande a probabilidade de sua identidade ser construída em torno desses valores, e não serão algumas atividades sobre ética ou direitos humanos que vão conseguir reverter esse quadro. Em compensação, se temas como justiça, coragem, generosidade, gratidão e demais virtudes fizerem parte do “clima moral” da escola, alguma chance há de se ter sucesso na construção da autonomia moral, na formação do cidadão.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA

Quando se quer envolver a todos em um determinado objetivo é preciso entender como os envolvidos se sentem diante do que é proposto. Preocupada em usar os recursos da tecnologia da informação e comunicação (TIC) no espaço escolar busquei entender o que as pessoas, que fazem parte deste contexto, pensam sobre o ambiente informatizado (AI).

No planejamento de atividades para o ambiente informatizado tenho tentado uma aproximação com os demais professores buscando realizar um trabalho em parceria, mas ainda tenho que superar alguns obstáculos, entre eles o tempo disponível para estar junto com os colegas.

Por cursar Pedagogia à Distância (PEAD) utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), por estar afastada da sala de aula, por problemas de saúde, e meu retorno à escola coincidir com a implantação do ambiente informatizado, voltei com muitas expectativas e propostas, mas aos poucos percebi que as mesmas não levavam em consideração a realidade que encontrei.

Iniciei meu período de estágio lançando propostas de atividades que não levavam em consideração as dificuldades e os conhecimentos dos alunos em relação aos recursos da informática e também não houve aceitação dos mesmos quanto ao tipo e estratégias de trabalho que propunha realizar. A impossibilidade de fazer um planejamento conjunto com os colegas, a estrutura e a gestão do uso do espaço também trouxeram grandes preocupações, pois me fizeram muitas vezes caminhar solitariamente.

A realidade mostrou-se diferente do que eu imaginava porque os alunos, apesar de se referirem ao Orkut, MSN, Youtube, dizerem saber usar os computadores, freqüentarem lan house, mostraram dificuldades em manusear

o teclado e o mouse muito além do esperado; apareceram também problemas de aceitação da identidade e respeito pelas diferenças; dificuldade em realizar trabalhos cooperativos e, principalmente, a visão, tanto dos professores quanto dos alunos, de que este ambiente servia para reforço pedagógico e instrucionismo ou como uma extensão da lan house, para entretenimento somente.

Por coordenar o ambiente informatizado, no turno da manhã, devo ter um olhar diferente sobre este espaço, mas busquei introduzir as mudanças contemplando as necessidades dos alunos e dos colegas professores.

Constatei que o tema “identidade” estava presente nos projetos trimestrais dos professores e por isso lancei propostas de atividades baseadas neste conceito. Acreditava que o mesmo poderia favorecer a construção de parcerias, novos conhecimentos e autoconhecimento que são caminhos para a autonomia, bem como melhorar a auto-estima e resgatar valores de que os educandos poderiam ter se distanciado, utilizando para isso informações da internet e as ferramentas tecnológicas.

No entanto, o planejamento sem ter claras as dificuldades e conhecimentos dos alunos me trouxe grande insatisfação e preocupação porque os mesmos ficavam ansiosos, inquietos e não demonstravam interesse no que era proposto.

Algumas dificuldades encontradas no trabalho dentro do AI são bem características do desconhecimento acerca das contribuições que este ambiente pode proporcionar.

Por exemplo, em determinado dia, encontrei no AI vários equipamentos, que usaria com os alunos, desconectados (caixa de som, data show e computador).

Fui até a sala da direção relatar o fato e a colega a quem me dirigi disse ser a responsável pela situação porque desconectou os equipamentos para utilizá-los em uma homenagem para as mães, ocorrida no sábado anterior, e acrescentou que havia deixado assim porque “*é bem capaz que eu ia ficar no sábado, além do horário, arrumando sozinha o que estava fora do lugar*” (sic).

Embora a colega tenha assumido a autoria da situação, não se dispôs a reconectar os equipamentos, antes do horário da aula, ou mesmo me auxiliar a fazê-lo. Esta situação resultou em atraso no atendimento da primeira turma e evidencia o desconhecimento da colega, que faz parte da direção da escola, sobre o que é o trabalho no AI, sobre a dificuldade que se tem em trabalhar com trinta alunos, que tem pouca habilidade tecnológica e problemas com disciplina, em apenas 13 computadores, sozinha e sem o auxílio tecnológico que os equipamentos desconectados oferecem.

O que me chocou muitas vezes, no decorrer do estágio, foi a falta de comprometimento de todos com o andamento dos trabalhos no AI e, até mesmo, com a manutenção dos computadores, que depende da burocracia da mantenedora que é a responsável por isso.

Muitos colegas alegam falta de conhecimento e medo de mexer nos computadores, como desculpas para não levar os alunos ao AI; outros esquecem o horário de levá-los até lá me obrigando a ir até a sala de aula para buscá-los; outros dizem para os alunos que a professora responsável pelo AI não veio porque estão com as atividades atrasadas e querem colocá-las em dia, neste horário. Além disso, grande parte dos colegas simplesmente deixam os alunos no AI, não perguntam o que será trabalhado e, após o término da aula, também não entram no ambiente para observar os trabalhos realizados.

Assim, posso dizer que evidenciei na minha prática o que Lopes (s/d) relata em um de seus artigos: apesar de toda a movimentação feita em prol da inclusão digital, para muitos professores este conceito ainda é muito vago.

Quando tentei uma aproximação maior nos planejamentos pedindo sugestões para o desenvolvimento das atividades que contemplassem também o que estava sendo desenvolvido em sala de aula, alguns professores sugeriram jogos envolvendo as operações matemáticas, leituras ou consultas sobre um assunto muito amplo e sem um foco determinado.

Isso comprova o que Valente (1995) diz: ter computadores nas escolas não significa automaticamente modernizar ou repensar a educação. O computador, mesmo quando conectado à internet, pode ser percebido como um meio para passar informações aos alunos, mantendo a hierarquia da escola e sua tradição instrucionista.

Vendo a grande dificuldade que os alunos tinham em trabalhar colaborativamente, em duplas, em usar recursos simples como copiar e colar um texto, usar palavras-chave para encontrar alguma coisa no Google, percebi que teria de realizar, ao longo do meu estágio, um trabalho que despertasse sua curiosidade, ação, interação e compartilhamento de saberes.

Planejei a apresentação de um vídeo no telão, contendo uma música que falava sobre as etnias que compõe o povo brasileiro e também a identidade de cada.

Com isso busquei fazer com que os alunos se descontraíssem cantando e através da música escolhida pensei iniciar um trabalho sobre identidade, no qual os alunos usariam a internet para consultas e o editor de textos Word para escreverem, colarem recortes e imagens sobre o tema. Outra vez fui desafiada, porque houve pouco interesse pela música proposta e os alunos queriam entrar no youtube para procurar outras músicas e vídeos que não tinham relação com os objetivos pré-estabelecidos.

Pensando em tentar estreitar os laços afetivos fiz minha apresentação em forma de vídeo, contando um pouco da minha vida e de como me vejo. Acreditando que ao expor fatos particulares como meu nascimento, a escolha e significado do meu nome, algumas fatalidades e coisas do cotidiano ficaria mais próximo da realidade porque todos têm uma bagagem histórica.

E deu certo, pois eles adoraram e até aplaudiram no final querendo fazer igual. Foi daí que partimos para a interação com mais facilidade, mas se pudesse voltar e refazer penso que teria ouvido com mais atenção o que eles pediam, poderíamos procurar músicas e vídeos que falassem sobre o tema e que unissem os interesses em torno do tema identidade.

O sentimento de pertencimento aos grupos sociais, de serem pessoas únicas e importantes que integram os mesmos, são aspectos relevantes na formação dos educandos possibilitando a construção coletiva de valores através da interação, com autonomia e cooperação.

Fui a busca de novos rumos e estratégias que envolvessem os alunos nas atividades mostrando a eles o trabalho diferenciado e tecnológico que seria desenvolvido dentro do Ambiente Informatizado.

Durante o estágio desenvolvi o que chamei de planos B, C, D, E... Estas denominações foram utilizadas para nomear as diversas estratégias criadas diante de cada dificuldade encontrada ou a perda de interesse dos alunos no que era proposto.

Assim, iniciando meu plano B parti para uma rápida investigação de sala em sala, fazendo uma pequena enquête sobre o que os alunos gostariam de aprender.

Procurei seguir o que sugerem Werri e Ruiz (s/d, on-line) ao dizerem que

Formar um sujeito autônomo é possível quando a autoridade adulta é diminuída e se desenvolve o respeito mútuo entre adulto-criança, criança-criança, possibilitando a construção dos valores morais a partir de discussões e de ações que considerem a opinião e respeitem o grupo a que ele pertence.

As sugestões dadas pelos alunos foram anotadas e vinham ao encontro das dificuldades já percebidas: escrever no computador, jogos, continhas, pintar, desenhar, fazer caça-palavras, músicas, vídeos do youtube, pesquisar sobre índios, animais na Internet (google), ler, mexer nos computadores, digitar, trocar as letras (formatação), mapas, viajar pelo mundo e conhecer países bonitos, pessoas diferentes e oceanos.

Ainda querendo aproveitar a música escolhida por mim e integrá-la com as sugestões dos alunos (pesquisar sobre o índio e escrever) sugeri uma atividade na qual os alunos poderiam escrever, copiar, buscar imagens na Internet e ainda recolher novas informações sobre os povos formadores de nossa identidade (anexo 1).

Esta atividade, aparentemente muito simples, levou mais de uma aula para ser realizada, pela dificuldade dos alunos no uso das tecnologias e por terem que trabalhar em duplas e colaborativamente, coisa a que não estão acostumados, mas consegui observar indícios de um melhor relacionamento entre meus objetivos pedagógicos e os interesses dos alunos pela satisfação e entusiasmo que demonstravam em cada descoberta de recursos e ferramentas do Word.

Foi um trabalho difícil por envolver objetivos diferentes de ambas as partes, dos alunos na curiosidade e aquisição de novos conhecimentos das

ferramentas tecnológicas e os meus na reconstrução pedagógica envolvendo as TICs, que considero satisfatório pois o que me proponho neste espaço é a formação de um novo olhar sobre a utilização da tecnologia e não formar cidadãos capacitados na informática somente.

Constatei que alguns alunos começaram a ajudar os colegas que ainda não conseguiam realizar determinadas tarefas, enquanto que outros me faziam lembrar dos meus primeiros passos nesta caminhada, quando aprendi a copiar e colar gravuras, dizendo:

-Profe. já estou ficando craque nisso!

Além da enquête que fiz nas salas de aula, elaborei um questionário sobre o uso da tecnologia com os alunos do turno da manhã. Distribui 304 questionários e destes retornaram apenas 105 com as respostas para as seguintes perguntas:

- Para que servem os computadores?
- Você possui computador?
- Para que utiliza o computador?
- Utiliza o computador fora de sua casa? Onde?
- Qual o tipo de conexão com a Internet tem o computador que utiliza?

Como meu horário era sempre justo, 20h semanais e preenchido por diversas turmas durante todas as manhãs, solicitei que as professoras fizessem a cobrança do preenchimento e o recolhimento dos questionários, para que eu fizesse a análise dos resultados.

Esta consulta teve como finalidade entender os motivos da falta de habilidade dos alunos com as ferramentas tecnológicas visto que na minha concepção, por freqüentarem lan house, falarem tanto em orkut e MSN teriam facilidade em fazer o que lhes era solicitado, o que acabou não se mostrando verdadeiro. Ficaram então as questões sobre: Como é feita esta interação com a tecnologia fora da escola? O que fazem diante dos computadores? Como se comunicam, trocam mensagens e imagens no orkut e MSN? Onde estão escondidas estas aprendizagens e por que não as utilizam nas atividades propostas?

Não é possível dizer que em relação à tecnologia os alunos saibam menos, pois eu também aprendi com eles, mas a questão é que muitas vezes pensamos saber o que não sabemos e encontramos saberes diferentes. O que apresentavam sobre sua aparente alfabetização digital parecia não corresponder ao que percebia dentro do ambiente informatizado, pois existe muita diferença entre ter e ver um computador, entre ouvir falar dos programas e utilizá-los, entre mexer para simples diversão e utilizar pedagogicamente.

Os alunos faziam muitos comentários a respeito do que viam outras pessoas fazendo. Constatei isso várias vezes quando me contavam algo relativo a programas, jogos ou internet. Perguntava como eles sabiam e respondiam: “*vi o fulano fazendo*” ou “*fulano disse que tem no computador...*”.

O que tive durante meu estágio foram onze turmas difíceis, com alguns alunos de temperamentos muito fortes, baixa autoestima, brigões e de hábitos e atitudes pouco afeitos ao trabalho proposto e com pouco conhecimento sobre a tecnologia. Além disso, falta de tempo para planejamento, para propor oficinas e fazer um processo de adaptação adequado, burocracia e muita expectativa em torno da inclusão digital.

A consulta feita aos alunos, via questionário, confirmou parcialmente as minhas certezas provisórias. Conforme o resultado pude ver que a maior parte dos alunos não possuía computador e dentre os que possuíam poucos tinham internet (banda larga ou discada).

A utilização dos computadores era feita na casa de algum parente ou amigo, lan house ou na escola, que inaugurou este ambiente muito recentemente, no final de novembro de 2009 (Apêndice 1).

Quanto à utilização dos computadores, 26% dos alunos responderam que utilizavam para pesquisas (navegar na internet) e 18% desconheciam sua utilidade e um grupo significativo (14%) fazia uso dos computadores para jogos, violentos e nada pedagógicos em sua maioria. Isto explica em parte os motivos pelos quais encontrei muita dificuldade para desenvolver minha prática pedagógica dentro do ambiente informatizado.

Na arquitetura pedagógica que pretendi desenvolver, procurei romper com uma forma convencional de aprendizagem utilizando as mídias e

tecnologias e o tema sobre a identidade, a busca da ancestralidade para perceber-se como parte de uma história e continuador da mesma, respeitando as diferenças.

A partir das sugestões dos alunos passei a propor o uso de recursos variados, desde consultas à internet, sites, google, jogos virtuais, vídeos do youtube, editor de texto, filmadora, datashow, balança, fita métrica, máquina fotográfica, blog, enquetes, visando sempre o autoconhecimento, o resgate da história de cada um, o respeito às diferenças, a colaboração, a interação e a observação do meio.

Com isto o interesse pelas atividades aumentou, pude observar através das falas quais seus conhecimentos diante das propostas de trabalho e o que poderia ser reconstruído a partir delas promovendo a construção de novas aprendizagens.

O uso das ferramentas tecnológicas pode auxiliar na busca e compreensão de subsídios que os façam entenderem, aceitar, construir ou modificar aprendizagens e sua história dentro da sociedade ou grupo social em que estão inseridos.

Dentro do tema espaço e tempo, a construção da identidade e origem, contempla os projetos trimestrais dos professores.

É um desafio tanto para o educador como para os educandos o processo de construir novos conhecimentos utilizando a internet e suas ferramentas com a intenção de possibilitar momentos de estudo, mediação e discussão entre os sujeitos registrando e analisando suas atividades a fim de compreender e construir seu próprio conceito de identidade.

As duas primeiras semanas de estágio foram de muita expectativa baseadas no conhecimento prévio, adaptação e mudança por perceber a importância de conhecer melhor nossa história e as diferenças que compõe os grupos sociais respeitando-os em sua individualidade.

Através de um trabalho sobre os nomes próprios (Anexo 2), que os identificam e evidenciam que cada pessoa é única e diferente em bagagem histórica, modo de pensar e agir, busquei trabalhar com as diferenças.

Os alunos desenvolveram atividades sobre a origem e o significado dos seus nomes e sobrenomes, construíram suas árvores genealógicas, fizeram desenhos sobre as famílias, pequenos acrósticos e apresentações em PowerPoint utilizando dados coletados com os familiares, nas certidões de nascimento e na internet.

Uma das principais aprendizagens e estratégias foi a busca de novos rumos sempre que o desânimo e o desinteresse queriam tomar conta dos trabalhos no AI. A demora nas descobertas, o ritmo diferenciado de cada um, a parte técnica e a falta de conhecimento da realidade e habilidade dos alunos me conduziram a refletir, desafiar, provocar e sutilmente procurar novos rumos.

Observar o interesse que os alunos tinham sobre o Orkut, levou-me a propor a construção de um perfil semelhante ao que existe nesta rede social. Isso permitiu que trocassem informações sobre suas identidades, preferências musicais, gostos e desenvolvessem ações usando as ferramentas tecnológicas e a internet, que posteriormente seria parte de uma nova construção utilizando o PowerPoint.

Nesta proposta, os alunos construíram um questionário em conjunto com diferentes perguntas que seriam respondidas pelo colega de dupla através de escrita e gravuras (também poderiam utilizar fita métrica, balança, máquina fotográfica, consulta na internet para questões referentes a origem do nome, localização, como mostra o anexo 3.

Os alunos das quartas séries aprenderam a usar o editor de texto do Word e fizeram pequenas apresentações em PowerPoint (ppt), utilizando as informações do perfil criado anteriormente, que teve por título: “Quem sou eu?”

Fizeram sua auto-apresentação para os colegas através do telão com o ppt e mostraram-se mais amigáveis e interessados.

Precisando partir para uma solução alternativa, para diminuir a ansiedade dos alunos que esperavam a vez para fazer seu trabalho no computador, pois trabalhavam sempre em duplas por termos poucos computadores, optei por dividir o tempo no AI em duas partes de aproximadamente vinte minutos para cada um. Eles escolhiam quem iria iniciar, ao final deste tempo, salvava-se o material produzido e o outro colega da dupla iniciava sua produção. Como o tempo era pouco e o conhecimento dos

recursos ainda estava sendo construído, as atividades levavam mais que uma aula para serem concluídas.

Uma segunda opção foi formar monitores da própria turma (os que já dominavam melhor a tecnologia) para auxiliar a mim e aos colegas. Iniciei o trabalho com os monitores pelas turmas de quarto ano. Escolhi três alunos por turma e fizemos um intensivo durante as atividades.

Os alunos gostaram da idéia porque justamente por terem uma apropriação maior das ferramentas tecnológicas, ficavam ansiosos esperando a vez de fazer o trabalho.

No início do estágio, os alunos comportavam-se no laboratório conforme é solicitado que façam em aula: não levantar e não interagir com os colegas. Aos poucos, começaram a se deslocar no AI para ajudar os colegas, depois começaram a conversar entre si e a mostrar as novidades que descobriam sem que eu precisasse interferir.

Conforme vimos, Taille (s/d, on-line) diz que “a identidade de uma pessoa é um conjunto de representações que ela tem de si” e estas ações parecem apontar que alguns alunos mudaram algumas representações de si, na medida em que se perceberam como sendo capazes de colaborar com os colegas e como detentores de um conhecimento que podiam partilhar.

O plano deu certo, pois iniciou um trabalho colaborativo, primeiro com os monitores escolhidos, mas depois os demais alunos foram se soltando naturalmente.

Com a monitoria em andamento, procurei a cada encontro unir os interesses (pedagógicos e individuais), dando-lhes a oportunidade de sugerir novas tarefas e induzindo-os a compartilhar seus conhecimentos.

Os alunos do segundo ano me surpreenderam porque pela pouca experiência que tenho com esta etapa de ensino pensei que teria muito mais dificuldades para desenvolver meu trabalho. Enganei-me, pois são amorosos, sapecas, verdadeiros e transparentes em suas opiniões e falas.

Pelo que colocavam oralmente, por escrito ou através dos desenhos descobri muito sobre eles pessoal e pedagogicamente. Apesar de serem os menores foram os pioneiros na colaboração.

Tomavam a iniciativa de ajudar o colega a realizar as atividades que eram propostas e ofereciam o computador para um colega que ainda não havia realizado a tarefa e estava esperando sua vez em outra dupla. Geralmente, mesmo quando tinham terminado a atividade proposta, os alunos queriam ficar brincando e mexendo no computador. Aos poucos, de forma amorosa, os alunos do segundo ano começaram a compartilhar as descobertas que faziam com os colegas e a ceder lugar nos computadores, com atitudes espontâneas que me emocionavam.

Aos poucos, notei outras mudanças no comportamento dos alunos: as agressões verbais diminuíram, trocavam mais informações, tinham mais interesse nas atividades. Tecnicamente, conseguiam entrar e sair de programas, utilizavam as ferramentas do Word com maior facilidade, cuidavam do patrimônio do AI, ligando e desligando corretamente os PCs e passaram a utilizar uma linguagem mais específica para a tecnologia. Começaram a surgir indícios de cooperação e amorosidade entre si, mesmo ainda acanhadamente este já é um bom começo.

Embora não tenha a oportunidade de participar dos conselhos de classe participativo sei que estas mudanças estão sendo percebidas através das colocações feitas pelos que participam.

Dentre outras colocações dos pais foi dito:

-“Minha filha em casa vai pro computador e quer a minha ajuda. Se digo que estou ocupada ela diz: a prof. Jaque me ensina e tu não”

- “A minha filha em casa ta fazendo no computador coisas que aprendeu no AI.”

- “O meu filho diz: Hoje tem AI, não posso faltar a aula.”

Os alunos contaram:

- “Criamos uma pasta e guardamos tudo que pesquisamos no google.”

- “Eu pego as figuras da Internet e coloco nos meus textos.”

- “Adoro ir nos computadores.”

- “A gente faz bastante coisa legal nos computadores.”

Ao lado destes pequenos avanços, infelizmente, os responsáveis pela manutenção do AI e os gestores da escola não conseguem resolver problemas técnicos e pedagógicos que aparecem e atrapalham o desenvolvimento, uma gama mais ampla de atividades interativas tais como a criação de endereços de e-mails, a possibilidade de uso de vídeos e imagens dos alunos, a organização do espaço, a possibilidade de baixar determinados programas nas máquinas, conexão lenta com a internet, o uso de senhas que trancam os PCs e o veto ao uso de determinados plugins.

É preciso cooperação, colaboração e comprometimento de todos para um bom funcionamento e andamento dos projetos e espaços disponíveis na escola. Desenvolver propostas usando tecnologia digital, mostrar novas opções de ferramentas, utilizar blog, wiki e e-mail trazem benefícios para todos, pois assim estamos criando possibilidades de compartilhamento de experiências.

De qualquer forma, ao finalizar esta prática docente fica o questionamento acerca das construções realizadas pelos alunos, que sempre nos fará refletir sobre nossa identidade e importância dentro dos grupos sociais a que pertencemos. Genética e cientificamente podemos provar através do DNA como somos, mas “quem somos” dependerá dos acontecimentos, das trocas, interações e aprendizagens que construímos e reconstruímos ao longo de nossas vidas, através de nossa história e da leitura do mundo que nos cerca.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do estágio curricular no ambiente informatizado (AI) trouxe inicialmente muitos indícios de minha prática em sala de aula, com propostas ainda ligadas a uma metodologia tradicional e não a uma construção pedagógica inovadora, necessária neste espaço.

Inicialmente, pensava que as atividades propostas seguiriam rigorosamente o que eu havia planejado passo a passo e que os alunos tinham uma apropriação tecnológica compatível com suas conversas sobre a internet e as redes sociais que conheciam, mas o desinteresse dos alunos pelas propostas e as dificuldades iniciais com os computadores, mostraram a necessidade de buscar novos rumos e planos emergenciais mais produtivos.

Acreditando que a educação e a construção do conhecimento é um ato coletivo e solidário, que envolve a troca de experiências, procurei então ser menos diretiva e centralizadora. Passei a mostrar aos educandos possibilidades e propostas de atividades, que poderiam ser desenvolvidas com o uso das tecnologias disponíveis, e a tentar captar seus interesses.

Assim, apostando no diálogo e na relação respeitosa entre professor e aluno, que é fundamental para o sucesso dos trabalhos, apresentei a eles um vídeo que tratava de minha história pessoal, para dar início ao tema “identidade”, que pretendia desenvolver com eles. A partir daí os trabalhos no laboratório começaram a fluir porque os alunos ficaram interessados em produzir suas próprias apresentações, contando suas histórias. Acreditar na capacidade e criatividade dos alunos possibilitou a construção de novas aprendizagens que vinham ao encontro dos interesses de todos.

Sempre atenta ao desenvolvimento das atividades, provocava e sugeria novas possibilidades, que instigassem suas curiosidades, buscando fazê-los

refletir e construir novos conhecimentos, bem como buscar soluções para os problemas de ordem técnica e social que, porventura, surgissem.

A propósito disso, é necessário dizer que o suporte técnico ao AI ainda não atende plenamente às necessidades deste projeto. Frequentemente temos períodos em que a Internet está muito lenta ou intermitente, os programas não funcionam por causa de plugins ou senhas e, por desinformação dos pais ou responsáveis pelos alunos que não autorizam a criação de e-mail e uso de suas imagens e vozes.

Os gestores e professores ainda estão inseguros quanto ao tipo de trabalho a ser desenvolvido utilizando a tecnologia e a maioria não demonstra interesse em utilizar ou construir conhecimentos sobre estes recursos, embora eu já tenha oferecido momentos de apropriação tecnológica em oficinas e proposto ajuda individual.

Entendendo que socialmente somos seres únicos e construtores de uma sociedade etnicamente diversificada, por isso sigo trabalhando com os alunos com a questão da identidade e ressalto que o respeito e a colaboração entre eles já dão indícios de melhora através de suas atitudes durante a realização das atividades.

Com isto abriu-se uma nova possibilidade que foi a formação de alunos-monitores, que são alunos de diferentes séries que avançaram mais rápido tecnologicamente e que passaram a ajudar os demais quando sentiam dificuldades com a tecnologia.

Este projeto está em andamento e pretendo dar continuidade a ele devido ao grande interesse dos alunos que, ao sentirem-se seguros diante da realização de atividades envolvendo a tecnologia, se oferecem para participar. No futuro realizarei oficinas para aprimorar as competências destes alunos-monitores e também para a comunidade e professores interessados.

Caminhando solitariamente pelos caminhos descobertos durante o estágio fui em busca de respostas para questões sobre o papel da escola, dos gestores e dos educadores na inclusão das tecnologias no planejamento e a inclusão digital na sociedade.

Sei que a aprendizagem é um processo lento, mas não basta ter na escola um ambiente equipado tecnologicamente, se faz necessária uma gestão democrática que promova a reflexão e colaboração na construção de novos fazeres pedagógicos.

Os planejamentos e projetos devem ser construídos com diálogo e participação de todos visando o interesse do grupo e da comunidade escolar. Nesta construção o trabalho do professor coordenador do ambiente informatizado funde-se ao trabalho dos professores titulares, introduzindo e promovendo a apropriação de novos conhecimentos sobre o uso das TICs, respeitando as diferentes habilidades e contribuições.

Se quisermos formar cidadãos críticos e voltados para a melhoria do meio em que vivem, precisamos nos preparar e capacitar permanentemente, desenvolvendo competências em nós mesmos para podermos desequilibrar e desafiar os alunos até atingirem um outro nível de compreensão sobre a realidade que os cerca.

A resistência dos professores a mudanças em sua prática e ao novo modelo pedagógico que envolve a tecnologia se dá pela falta ou pela precária formação recebida que acarreta insegurança. Este fato traz a idéia de estagnação e de ser um transmissor e não um facilitador de novas aprendizagens.

Os ambientes informatizados e as mídias devem fazer parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e gradativamente integrar-se aos planejamentos dos professores, criando condições para que sintam necessidade e se apropriem desses recursos para utilizá-los pedagogicamente e não como especialistas em informática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Pedagogia de projetos e integração de mídias**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ppm/tetxt5.html> Acesso em 19 set. 2010.
- ASSUMPÇÃO, Rodrigo; MORI, Cristina. **Inclusão Digital**: Discursos, práticas e um longo caminho a percorrer. Disponível em: <http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/inclusao-digital-discursos-praticas-e-um-longo-caminho-a-percorrer/> Acesso em 04. Out.2010.
- BACCEGA, M. Da informação ao conhecimento: ressignificação da escola. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 8, n. 22, 2007. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4164/3903>. Acesso em 19. Set. 2010.
- CASSOL, Vicente Claudionei. **Identidade e autonomia**: utopias necessárias à escola pública. Disponível em: <http://www.ceedo.com.br/bkup/cassol1.htm> Acesso em 16. Nov. 2010.
- CASTRO, Patrícia Aparecida P. Penkal; TUCUNDUVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mendelli. **A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente**. Disponível em: <http://www.faculdadeexpoente.edu.br/upload/noticiasarquivos/1243985734.PDF> . Acesso em 28 set. 2010.
- CHIOVATTO, Milene. **O Professor Mediador**. Disponível em: <http://www.artpublica.com/textos/O_Professor.doc> Acesso em 15.nov. 2010.
- COSTA, Iris Elisabeth Tempel. **Tecnologia da Informação e Comunicação e suas implicações pedagógicas**. Disponível em: <http://www.virtualpaper.jex.com.br/informatica+educativa/tecnologia+da+informacao+e+comunicacao+e+suas+implicacoes+pedagogicas>. Acesso em 15.nov. 2010.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos Professores. **Ensinar, aprender**: leitura do mundo, leitura da palavra. Disponível em: <http://materiaodeapoioaotcc.pbworks.com/f/v15n42a13.pdf> Acesso em 16. Nov. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido 30 anos depois**. In: Freire. A.A.F **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo; UNESP, 2001.

LOPES, José Junio. **A introdução da informática no ambiente escolar**. Disponível em: <http://www.clubedoprofessor.com.br/artigos/artigojunio.htm> Acesso em 11. Out.2010.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. Disponível em: <http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/ARTIGOS%20E%20TEXTOS/vygotsky%20e%20o%20papel%20das%20interacoes%20sociais%20na%20sala%20de%20aula....pdf> Acesso em 16.nov. 2010.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PAIM, Eliane Rosário; FRIGÉRIO, Neide Aparecida. **O desafio de trabalhar diversidade cultural na escola**. Disponível em: <http://www.univen.edu.br/revista/n005/O%20DESAFIO%20DE%20TRABALHAR%20A%20DIVERSIDADE%20CULTURAL%20NA%20ESCOLA.pdf> Acesso em 15.nov. 2010.

PONTE, João Pedro Mendes da. **O Projeto Minerva**. Introduzindo as NTI na Educação em Portugal. Lisboa: Departamento de Programação e Gestão Financeira, Ministério da Educação, 1994.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola com/sem futuro**. Campinas: Papirus, 1996.

RODRIGUES, Maria Bernadette. **Planejamento: em busca de caminhos**. Disponível em: http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/didatica/unidade2/planejar/planejamento_unidade2.pdf Acesso em 28. Set.2010

SACRISTÁN, José Gimeno. A educação que temos, a educação que queremos. In: **A Educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**, editora Artmed (s/d, on-line).

TAILLE, Yves de La. **Autonomia e Identidade**. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1207> Acesso em 16.nov. 2010.

TORRES, Patrícia Lupion. **Laboratório on-line de aprendizagem: uma proposta crítica de aprendizagem colaborativa para a educação**. Tubarão:

Editora Unisul, 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n73/06.pdf> Acesso em: 16. Nov.2010

VALENTE, José Armando. [Informática na Educação: conformar ou transformar a escola](#). **Perspectiva**. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 24 p. 41 – 49. Disponível em:
<http://www.journal.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10703/10207>
Acesso em 02.nov.2010.

VASCONCELOS, Maria Auxiliadora Marques Vasconcelos. **Sobre o significado de aprendizagem colaborativa e tecnologias da informação e comunicação**. Disponível em:
<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2008/gts/gt1/Poster/MARIA%20AUXILIADORA%20MARQUES%20VASCONCELOS.pdf> Acesso em 17.out.2010.

VASCONCELOS, Maria Auxiliadora Marques; ALONSO, Kátia Morosov. **As TICs e a aprendizagem colaborativa**. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2008/12/19/outros/bac02b455877ce680bd130aeabf82f1b.pdf> Acesso em 17.out.2010.

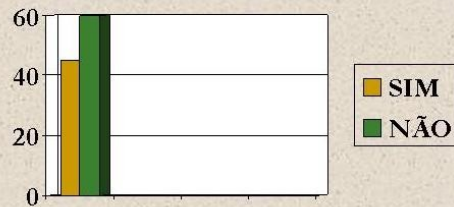
WAGNER, Flávio R. **Habilidade e inclusão digital - o papel das escolas**. In: CGI. Br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2009. São Paulo, 2010, p. 47-51.

WERRI, Ana Paula Salvador; RUIZ, Adriano Rodrigues. **Autonomia como objetivo na educação**. Disponível em: http://74.125.155.132/scholar?q=cache:TI--lktuUl8J:scholar.google.com/+Autonomia+Como+Objetivo+Na+Educa%C3%A7%C3%A3o&hl=pt-BR&as_sdt=2000 Acesso em 16.nov. 2010.

APÊNDICES

Apêndice 1

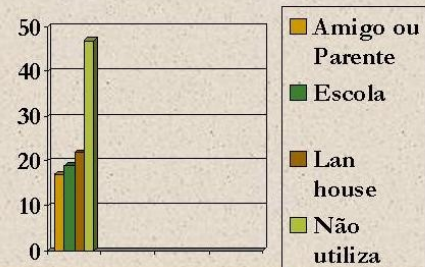
Possui Computador?



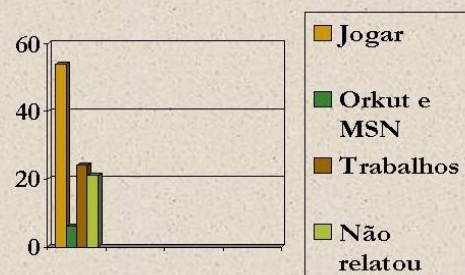
Tipo de Conexão com Internet



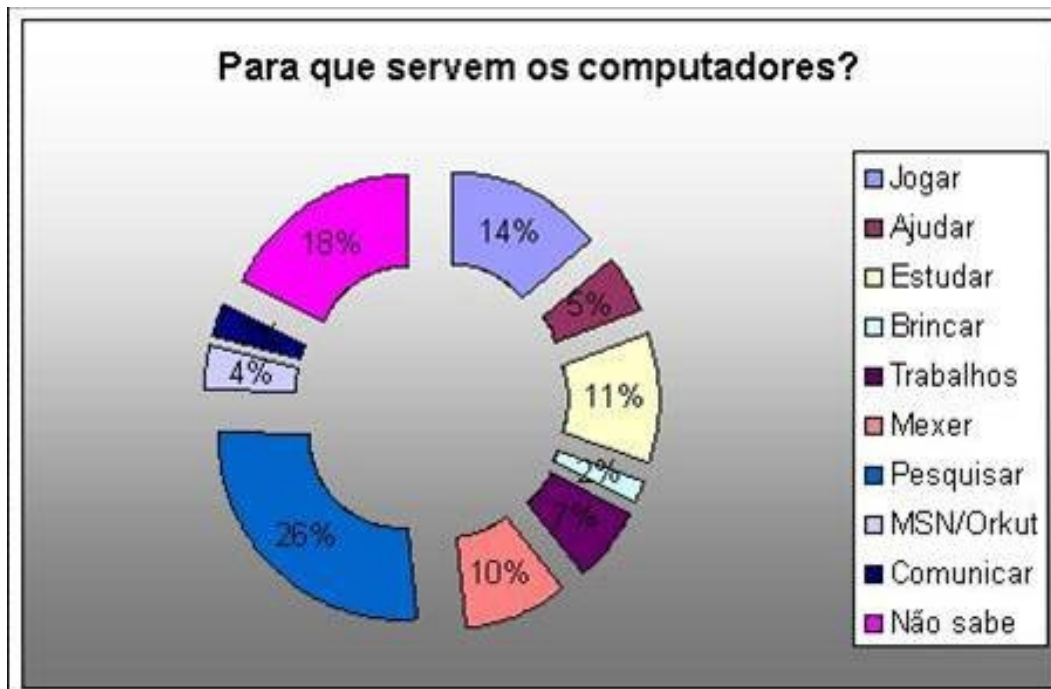
Onde utiliza computador fora de casa ?



Para que utiliza o computador?



Apêndice 2



ANEXOS

Anexo 1



o dia do índio.

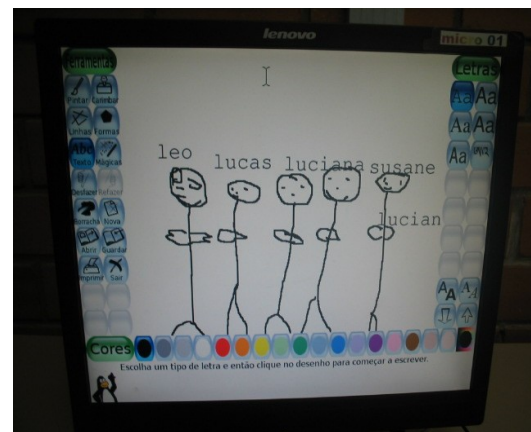
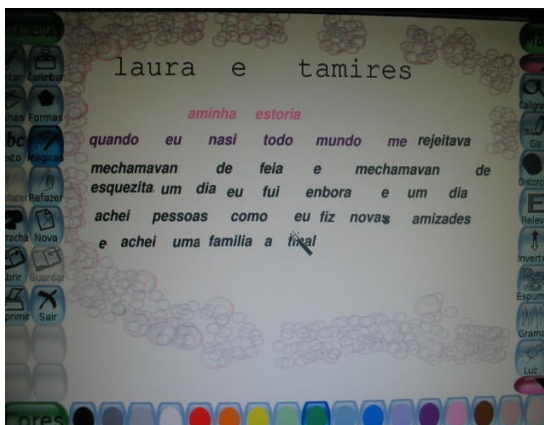
Comemoramos o dia do índio em 19 de abril.



dia do índio

Dia 19 de abril comemoramos o dia do índio

Anexo 2



Anexo 3

